

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes
PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

Publicações

Annuncios, cada linha, typo commum.	20 réis
Comunicados,	60 »
Reclamos	100 »
Artigos,	200 »

Quinta feira 11 de fevereiro de 1897

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros	1.000 »

RESUMO

«Memorias d'um ajudante de campo», por L. F. MARRECCAS FERREIRA. — Chronica do tiro, por F. L. DE LATOU. — Ratoeiras. — Casos extraordinarios em caçadas, por NEMROD. — O tiro civil, por G. V. — Assassinio de lebre e coelhos, por H. O. — Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso. — Carreira de tiro. — Caça, por H. O. — Tiro internacional em Lyon. — O cão doente, por NEMROD.

«Memorias d'um ajudante de campo»

POR
Fernandes Costa

Não venho, apesar do titulo que encima este artigo, fazer a apreciação de uma obra, ha mezes publicada, tida por um dos mais interessantes trabalhos historicos, que aqui tem apparecido e sobejamente conhecida. Menos ainda, por desnecessario, me anima o desejo de fazer o elogio do auctor, tão accentuada é a sua individualidade litteraria na republica das letras... em que avulta um principe como elle.

O meu proposito, que se me affigura mais em harmonia com esta publicação, é o de ir procurar um incentivo, e grande, para que o tiro civil e as sociedades de tiro venham a ter um desenvolvimento mais consideravel que o actual.

Queixam-se, e com bem fundados motivos, os nossos principaes atiradores da grande difficuldade com que lutam para vencerem a inercia de um meio, senão hostile, pelo menos indifferente.

Os ultimos numeros do *Tiro Civil*, ao descerrarem o véo, que occultava aos olhos do publico, que lê, este quadro triste, vieram revelar uma verdade pungente.

E' preciso que nos ergamos, como ao toque de uma sineta de alarme, procurando pela congregação de muitos e variados exforços debellar o mal.

Diz-se, que faltam incentivos, mas na defeza do paiz está já um grande e poderoso incentivo!

Não ha bem, que sempre dure, affirmasse, e a paz, em que temos vivido durante largo trecho, não pode, infelizmente, ser perpetua; além de que este periodo não tem tido a continuidade, que seria para desejar, cortado, como o temos visto, por episodios guerreiros, ensanguentando de vez em quando o continente e sobretudo as colonias.

Estes passageiros accidentes nada são, comparativamente com os que pôde occasionar uma guerra europêa. Se virmos amanhã cidades e campos, sujeitos á devastação, praticada pelo estrangeiro invasor e os horrores da guerra vierem com o seu negro sudario patentear-nos mais uma vez as scenas, de que o nosso solo já foi theatro, em tal abertura conhecer-se ha bem o que vale ter homens adextrados para affrontarem o inimigo, e que, disputando-lhes o terreno, passo a passo, lhes estejam constantemente mostrando no heroismo de uma activa resistencia, que um povo não pode, nem deve, ser impunemente esmagado.

Da historia, tão fertil de lições, basta lembrar duas, a que não somos extranhos.

Recordam-se todos do que foi a guerra franco-prussiana, a maior das que o nosso seculo tem visto e em que a sciencia e a arte militar fizeram prodigios.

Esmagados por successivas derrotas os exercitos regulares francezes, quando o caminho se mostrava já desimpedido ao formidavel exercito da invasão, surgem os franco-atiradores e a sua influencia, bem notavel, muito mais assignalada teria sido, se uma sabia direcção os tivesse levado a atacar com mais intensidade os comboios de viveres, petrechos e munições de guerra, indispensaveis para o abastecimento constante, enorme, de centenas de milhares de homens.

Tinha cahido o imperio em Sedan, Gravelotte foi uma carnificina sem nome; mas a alma franceza resurgia por sobre os escombros das derrocadas, as labaredas dos incendios, o sangue e o lucto da desmesurada hecatombe.

Victor Hugo deu á patria o seu filho e não se sentindo já na avançada idade com as forças necessarias para manejar uma espingarda e correr aos assaltos, dirige ao paiz um energico appello, que ha-de ficar para todo o sempre memorado nas paginas da historia e do fundo dos valles ao alto das montanhas correram ás bandeiras os ultimos cidadãos válidos, convocados para a lucta suprema.

Aos exercitos, sahidos do nada, a que mal poude Gambetta dar uma organização, não quiz Victor Hugo relembra as pugnas titanicas de Roma, ou Carthago, da lendaria Persia, ou da nubulosa India, de povos que viveram tão distantes do nosso tempo e da nossa civilização; fallou-lhes da guerra peninsular, porque foi principalmente de encontro aos chuços dos campones da Peninsula, que se despedaçou o immenso poderio napoleonico.

Por entre as afflicções, que toldavam o espirito do grande patriota, nenhum outro exemplo via de melhor para levantar os brios dos ultimos soldados, que souberam manter bem alto a honra das armas nos desesperados lances do funebre, mas heroico epilogo da porfiada lucta.

Haverá talvez pouca gente, que se recorde, mas é facto averiguado, o ter surgido a idéa da creação do tiro civil em Lisboa n'essa época, mas baldaram-se todos os exforços empregados para lhe dar vida.

O appello de Victor Hugo aos franco atiradores deve ficar gravado em todos os animos; valiosissimo serviço prestou, pois, Fernandes Costa á idéa, que aqui tem sido sempre advogada, pondo ao alcance de todos o estudo da guerra peninsular, exemplo memoravel e em tão solemne occasião recordado de um povo, que soube bater-se pela independencia, queimando o ultimo cartucho, quebrando o seu ultimo chuço.

O fogo do nosso ceu, o ardor do san-

gue meridional patenteam-se n'essas paginas, coloridas por um espirito de eleição, traçadas por mão de mestre.

N'aquelles capitulos estamos ainda hoje vendo as scenas, que ha dezenas de annos já passaram e sentimos — consoladora esperanza! — que, se o desespero da resistencia, quasi desorganizada, fez, ha perto de um seculo, baquear o colosso, mais energica e brilhante houvera sido, se a educação dada nas sociedades de tiro permittisse, que as virtudes guerreiras do povo, que se levantou em massa, desordenadamente, se tivessem alliado, ás qualidades que nenhum soldado de hoje pode deixar de possuir — e no momento supremo de uma invasão todos devemos ser soldados.

L. F. MARRECCAS FERREIRA.

CHRONICA DO TIRO

COM este titulo publica o *Tir National* que acabamos de receber, um interessante artigo ácerca da grandeza das visuaes. Como interessados em vulgarisar tudo quanto diga respeito ao tiro vamos reproduzir-o integralmente.

E' o seguinte:

«A questão tantas vezes discutida das dimensões das visuaes, é objecto de novas polemicas.

«Antes de emittir a nossa opinião sobre este assumpto, (opinião que já tem sido emittida muitas vezes), quizeamos esperar que o debate estivesse concluido. Parece-nos que se tem dito tudo e eis o que nós temos para dizer ácerca d'este interessante assumpto.

«Desde a origem das nossas sociedades de tiro, a visual para os tiros a 200 metros, variava quasi uniformemente entre 20 e 30 centimetros. Eram muito raras as carreiras em que se empregava visual maior e assim se fez até ao primeiro concurso nacional em 1884. N'este concurso, a visual adoptada para o tiro a 200 metros com armas á vontade, era de 30 centimetros.

«N'este mesmo concurso para o tiro Flobert a 12 metros, a visual era de 10 millimetros.

«O que estas duas dimensões levantaram de protestos durante e depois do concurso está ainda na memoria de todos que a ellas assistiram.

«A lição foi proveitosa e assim no 2.º concurso nacional realisado no anno seguinte, a visual para os tiros a 200 metros era augmentada para 45 centimetros e a da Flobert para 15 millimetros.

«Mais tarde, em 1887, a *União* augmentava ainda a dimensão da visual para os tiros a 200 metros e elevava-a a 50 centimetros.

«Esta ultima medida foi bastante criticada por algumas das nossas sociedades, entre outras as de Lyon e de Dijon e, em seguida a nova discussão, a *União* em 1891,

adoptava definitivamente para os tiros a 200 metros a visual reduzida a 40 centímetros.

«Vimos que no 5.º concurso nacional, foi o alvo da *União*, adoptado com a visual de 40 centímetros.

«Para os tiros Flobert, a 12 metros, n'este mesmo concurso, foi então com a visual de 18 millímetros, modelo da *União das sociedades de tiro da região de Paris* que funcionou.

«Estabelecido isto para esclarecer os nossos leitores quanto ao ponto historico, vejamos as razões que militam em favor d'uma visual ampliada, em proporção razoavel, contra a pequena visual.

«A discussão entre os nossos collegas do norte a que acabamos de assistir é interessante e edificante ao mesmo tempo. Muitos argumentos tem sido apresentados pois contra as visuaes augmentadas. Não fallaremos n'elles. Contentar-nos-hemos em tomar á nossa conta dando-lhe plena approvação, a rasão capital, segundo nós, que apresenta as pequenas visuaes como fatigantes para a vista e enervante, consequentemente, para o atirador.

«Afirmar que as grandes visuaes destroem a precisão do tiro pela impossibilidade de agrupar não nos parece provado pela pratica e longa experiencia adquirida hoje com estas visuaes; os agrupamentos d'estes ultimos annos correspondentes ao uso generalizado das grandes visuaes são edificantes sobre este ponto e quaesquer que sejam as armas empregadas não se póde deixar de reconhecer que os resultados, quanto á precisão dos tiros, tem augmentado em relação ao passado com as pequenas visuaes.

«Estes factos que todos podem verificar não bastariam por si sós para destruir esse argumento de que o tiro é mais justo quando a visual é mais pequena?

«Mas ha outras rasões que pleiteiam tambem em favor das grandes visuaes.

«Uma d'ellas reside directamente na animação que dá ao principiante e ao atirador de força média, a visual maior e a facilidade de ser melhor classificado nas provas.

«E' innegavel, está provado, que um atirador, qualquer que seja a sua força, quando attinge mais facilmente a visual, sente, sem dar por isso, um effeito moral que se traduz por melhoramento progressivo e sem esforços apparentes, da sua precisão. Esta resulta simplesmente da satisfação que sente e o colloca ao abrigo do enervamento que não deixa de produzir-se com os tiros perdidos muitas vezes e tão contrarios á precisão do tiro.

«Eis portanto duas rasões que pela sua importancia sob o ponto de vista da formação dos atiradores nos parecem favoraveis á adopção ou manutenção das grandes visuaes.

«Censuraram á visual de Satory o inconveniente do pequeno numero do maximo. Será um inconveniente? Em todo o caso o maximo de pontos não resulta aqui da dimensão da visual mas sim da da zona central que não mede, como se sabe, senão oito centímetros de diametro. Ora, tem-se dito e repetido e foi o que se quiz obter com a divisão do alvo da *União*: é pela redução tão pequena, quanto possível do ponto do centro, reduzir precisamente a quantidade das maximas de modo a abreviar as operações de classificação. No fundo este systema não respeita aos resultados obtidos em tal ou tal visual; procura uma simplificação nas operações de verificação, questão muito importante n'um concurso nacional com o emprego dos *loyales-cibles*.

«Não temos a pertença de afirmar que o alvo da *União* realiza todos os desiderata. Mas do facto de ter sido adoptado pelo maior numero das sociedades, nós podemos dizer que, áparte inconvenientes claramente estabelecidos, o seu emprego deve generalisar-se mais ainda de modo a chegar em breve espaço de tempo, ao alvo unico que dará aos atiradores que mudam de terra as vantagens do conhecido de que fallámos mais acima e é de molde a assegurar-lhes melhores resultados.

«Tudo quanto acabamos de dizer para os tiros de 200 metros, dizemol-o para os outros tiros, Flobert e reduzido.

«Falla-se em estabelecer uma regra mathematica para a dimensão das visuaes proporcionadas á distancia dos tiros. Se esta regra deve ser creada, proporemos que a dimensão das visuaes, seja calculada em razão, não d'um millimetro por metro, como alguns do norte propõem, mas de dois millímetros o que daria:

400 ^{mm}	para os tiros a 200 metros
60 ^{mm}	» » » » 30 »
24 ^{mm}	» » » » 12 »

«Actualmente são estas dimensões as mais geralmente empregadas pela maior partes das sociedades para os tiros a 200 metros; são as que se encontram no alvo da *União*. Ha apenas o alvo Flobert cujas maiores dimensões geralmente empregadas nunca excederam até hoje a 18 millímetros. Não veriamos inconveniente em que esta dimensão fosse elevada de 18 a 24 millímetros, com a condição porém que a visual seja, como existe nos outros alvos, dividida em duas outras zonas afim de simplificar para os tiros Flobert, assim como para outros, as classificações.

«Na discussão a que acabamos de assistir um dos polemistas convida a *União* a examinar novamente o assumpto. Examinar novamente o assumpto é suppôr uma mudança possivel da disposição actual dos seus alvos. Ora, sem prejudgar da solução a intervir, parece-nos perigoso proceder assim sem razão claramente caracterizada invocando os inconvenientes reconhecidos, o que não é o caso na especie; é até tão pouco o caso que os do norte não estão d'accordo a este respeito e muitos são partidarios da visual da *União*. E' preciso não esquecer, e os membros do conselho da *União* menos do que quaesquer outros, que esta associação deve, antes de tudo, dar o exemplo da estabilidade nas suas concepções assim como na applicação dos seus methodos e que deve ter o cuidado, excepto em casos importantes e urgentes, de não levar a perturbação ás sociedades com mudanças não sufficientemente justificadas.

«Conclusão: até ao dia em que fór categoricamente demonstrado que o alvo actual da *União* apresenta inconvenientes serios, este alvo deve ficar como typo uniforme para os tiros que organisa e que as sociedades adoptaram, ou hão de adoptar, com o fim de fornecer aos atiradores de todas as regiões o unico alvo que encontrarão por toda a parte onde forem e que lhes dará tambem vantagem muito grande para a perfeição dos seus tiros.»

F. L. DE LATOUR

RATOEIRAS

Osso colega a *Folha de Majra*, transcrevendo a noticia que sob este titulo publicamos no nosso n.º 99, em que pediamos providencias contra os

abuzos que se estão praticando em Valle de Geão com as ratoeiras, termina assim a sua noticia:

Por parte do sr. administrador do concelho de Maíra, foram tomadas as providencias devidas.

D'aqui agradecemos ao nosso amigo sr. Junqueira, digno administrador d'aquelle concelho, a sollicitude com que atendeu o nosso pedido.

Casos extraordinarios em caçadas

(Continuado do n.º 98)

Logo que chegámos, cada um tratou de arranjar a melhor cama para descansar, em quanto o almoço não chegava. Deram, porém, 11 horas e a respeito de almoço, nada. Esperou-se até ás 11 ¹/₃ horas e a respeito d'almoço, nada.

Principiou a haver impaciencia porque a fome ia apertando cada vez mais, e os caçadores, que tinham voz mais estridente, principiaram a gritar em altos berros para chamar a atenção dos portadores do almoço, se, por acaso, andassem perdidos. Passa-se assim mais meia hora, era meio dia, e a respeito de almoço, nada.

D'alí em deante houve uma musica infernal de berros, gritos, toques d'apitos, e de trompa, e assobios.

Era um verdadeiro charivari.

Eu durante todo este tempo, tinha estado sentado na margem do regato, com as pernas estendidas para a agua; sem forças para me levantar, mas tocando trompa com as que restavam.

Parecia endiabrado.

Foram destacados caçadores para diferentes pontos para com os seus berros chamarem os portadores do almoço, que deviam andar perdidos, mas continuou o charivari.

A' uma hora, finalmente, ouvimos tiros e gritos de satisfação.

Tinha apparecido o almoço e eram alguns dos caçadores que tinham ido destacados a annunciar-nos a feliz nova.

Chegou o almoço e atirámos-nos a elle como gato a bofes.

Eu, lembro-me bem, enchi um prato com arroz e fressura e voltei a sentar-me no mesmo sitio onde até então estivera na margem do regato e principiei a comer com tal voracidade que a bocca me parecia pequena, porque desejava metter por ella muito mais arroz do que comportava.

Estabelecera-se um silencio sepulchral.

Os meus companheiros deviam estar a comer com tanta voracidade como eu, e digo que deviam estar, porque eu não perdi tempo a olhar para elles, pois toda elle era pouco para attender á minha *pratada* de arroz.

Os cães, deitados perto de seus donos, estavam tambem muito quietos e silenciosos á espera que se lembrassem d'elles com algum bocado de pão.

Ao pé de mim, deitados um de cada lado, estavam os meus dois galgos.

Poucos minutos depois de reinar este silencio, e quando eu ainda não tinha comido metade da minha *pratada* d'arroz. ao pé de mim, na outra margem do regato, a dois passos do sitio onde eu tinha os pés, salta... uma lebre.

Não sei descrever o que então se passou.

Eu, com a bocca cheia de arroz com fressura, dei-lhe um berro, atirei com a minha rica *pratada* ao meio do chão, dei um salto, fiquei do outro lado do regato e larguei, como um posêso, atraz da lebre com que os meus galgos tinham mettido.

Os outros caçadores tinham também atirado com os pratos ao chão e todos, e até as próprias mulheres, portadoras do almoço, tinham largado a correr — abandonando as canastras.

Eu corri apenas até um pequeno alto, onde parei, porque já não via os galgos com a lebre.

Todos os outros tinham corrido para o valle.

D'ahi a pouco ouvi um tropel do lado de traz de mim. Olhei. Eram os galgos que vinham com a lebre que agarraram pouco distante do sitio onde eu estava.

Fui, a correr, tirar a lebre aos galgos, e, como estava só, escondi-a, tirei outra *pratada* d'arroz, e fui sentar-me, muito descação, a comer.

D'ahi a pouco, principiaram chegando os caçadores; fazendo commentarios ao facto de não se ter a lebre levantado quando fizemos tanto barulho, antes da chegada do almoço, e ter-se levantado quando estavam silenciosos.

Ao vêrem os galgos, já deitados ao pé de mim, suppozeram que a lebre tinha fugido o que eu não contradisse, e só depois do almoço é que lh'a mostrei morta.

NEMROD.

O TIRO CIVIL

Amigo e sr. Redactor.

No artigo por v. ultimamente publicado e em que apresenta as diversas hypotheses que podem dar-se na questão da frequencia da carreira de tiro, julga que a principal é o máo tempo, e a situação desabrigada da carreira.

Permitta-me v. que não concorde com a sua opinião e veja n'ella apenas o desejo de attribuir a uma causa, na verdade de somenos importancia, o esmorecimento que n'estes ultimos tempos tem havido por parte dos frequentadores da carreira. E que não é o máo tempo, a causa da falta de frequencia vê-se facilmente, quando nos lembrarmos que, debaixo de chuva e de vento, estiveram algumas vezes os atiradores antes da construcção da *marquise*.

Se attribuirmos, porem, o afastamento de alguns atiradores, e até dos mais entusiastas e dos mais assíduos, á questão economica, então estamos plenamente d'accordo.

Na realidade os atiradores civis não são ricos; uma serie de 10 tiros custa 250 réis; acrescentando-lhe pelo menos, 80 réis de transporte no caminho de ferro ficará essa serie por 330 réis; mas qual é o atirador que, em média, faz apenas uma série de 10 tiros? Parece-me que nenhum; portanto deveremos contar como média 2 séries de 10 tiros isto é 500 réis e mais 80 réis, o que prefaz um total de 580 réis em cada sessão; e como annualmente ha pelo menos umas 50 sessões, teremos o dispendio annual de 298000 réis. Não é uma quantia exagerada, mas se attendermos á situação difficil em que todos estamos, devemos concordar que a abstenção justifica-se como medida economica e, segundo o meu modo de ver, é evidente que não ha outra cousa a considerar.

Mas como remedial-a? Eis o ponto difficil, attendendo ás considerações que v. fez no seu artigo do ultimo numero com respeito á situação economica do paiz. Neste momento não é aceitavel qualquer alvitre que agrave as despesas, antes pelo contrario, devemos pensar todos em di-

minuir-as tanto quanto possivel e portanto não é licito pedir ás instancias officias o que ellas em boa razão não podem dar-nos.

Ha, pois, um alvitre que me atrevo a apresentar e que não está longe da opinião de v. tantas vezes manifestada no seu interessante semanario. Esse alvitre é o dos premios em dinheiro.

Nos concursos officias até hoje realçados tem sido distribuidos premios mais ou menos valiosos, mas que podem calcular-se em média como representando um minimo de 400\$000 réis: esses premios são objectos de valor artistico, mas que não dão ao atirador premiado a compensação das despesas feitas com os exercicios de tiro. Se transformarmos esses premios em dinheiro e em cartuchos, dividindo-os de modo que muitos atiradores sejam contemplados, conseguir-se-ha que a despeza por elles feita seja na maior parte attenuada e, portanto, ficará sensivelmente reduzida para cada um e dispersa-se o desejo de adquirir a aptidão e pericia necessarias para obter o desejado premio.

Não quero censurar os que até hoje tem julgado dar premios em objectos como o melhor meio de generalisar o tiro civil, mas é minha opinião que passada a experiencia feita nos tres annos decorridos, já se pode concluir que os premios em dinheiro são evidentemente muito melhores e bem fez a comissão organisadora do concurso realiado pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes em novembro passado em dar um premio de réis 40\$000 e outro de 20\$000 réis e ainda os premios em cartuchos.

Entrando-se n'este caminho todos verão probabilidades de rehavermos a despeza feita e se, é certo, que nem todos attingirão este fim, não é menos verdadeiro que os não premiados diligenciarão afeição para o conseguirem.

Quando na comissão executiva do centenario da India se propoz a realisacão d'um concurso internacional de tiro, foi essa proposta acompanhada dos premios em dinheiro e vimos que a idéa foi bem recebida e até se disse, se não me engano, que os estrangeiros não concorreriam sem premios valiosos em numerario que lhes permittissem fazer a viagem gratuitamente ou sensivelmente reduzida na despeza.

Por que não fazemos o mesmo para os concursos nacionaes?

Ha quem se insurja contra os premios em dinheiro dizendo que é ridiculo, pouco honroso acceitar o dinheiro. Este defeito é exclusivamente portuguez, somos pobres mas queremos parecer ricos e o dinheiro... que vergonha!

Tudo isto são theorias dos não premiados, pois que nos consta ainda nenhum deitou fóra o premio pecuniario recebido e se deitasse encontrava muita gente resolvida a apanhal-o. E além de tudo isto o que se faz no estrangeiro? Pois os concursos de tiro na Suissa, na Italia, na França, na Allemanha, em toda a parte não inscrevem nos programmas os premios em dinheiro?

E algum atirador d'estes paizes julgou-se deshonrado por haver arrecadado o premio da sua competencia e a compensação dos seus esforços e do seu trabalho?

A theoría só por si tem valor incontestavel, mas os mestres, os que se destacam acima de todos, são os que a essa theoría juntam a pratica conveniente. Façamos nós o mesmo, e convençamo-nos de que se queremos tiro civil, ou antes tiro nacional, precisamos dar premios em

dinheiro, o que é o mesmo que dar aos atiradores a compensação das despesas feitas.

Então, sr. redactor, acredito que o tiro nacional se desenvolverá e chegará ás proporções que todos nós desejamos, nem podemos deixar de desejar pois, o exercito só por si não pode ter a força precisa para defender a metropole e ainda menos para accudir aos vastos territorios do ultramar.

No artigo de v. ha ainda uma aduão á protecção das estações officias. Podia ser mais realmente, mas tambem podia ser menos; por enquanto parece-me que basta conservar-se tal qual está; façamos todos o nosso dever, frequentemos a carreira, conservemos ateados o fogo sagrado como v. muito bem diz, e esperemos resignados a chegada do desenvolvimento e generalisação da idéa tão patriótica e tão util que todos defendemos.

Se v. entender que é aproveitavel o que deixo escripto dê-lhe cabimento nas columnas do *Tiro Civil* e creia-me.

De v. etc.

G. V.

Assassinio de lebres e coelhos!!...

Dois patuscos do logar do Camarenal, concelho de Alemquer, por signal manos de facto e nas ideias, passam as noutes a caçar lebres ao candeio; em pouco tempo exterminaram os dois sujeitos 22 lebres!

Dão pelos nomes de José e Antonio. São estes habeis meninos que recomendamos ás auctoridades competentes.

Não menos digno de recompensa é um tal João Costa, do Pocerão, cantoneiro das estradas que passa o tempo a armar ratoeiros aos coelhos e lebres de que tem feito este anno farta colheita.

Aqui fica o aviso.

H. O.

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Extracto da acta da sessão de direcção em 4 do corrente

Não comparecendo os srs. presidente e thesoureiro, o sr. dr. Anachoreta assumiu a presidencia abrindo a sessão ás nove horas e dez minutos estando presentes os srs. Fontes e Dias Guilhermino da direcção, dr. Paulo Cancellia, Fernandes e Thomaz Coelho.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. O sr. Guilhermino notou que na acta se não consignasse que o mesmo senhor tinha na sessão anterior acompanhado o protesto do sr. D Korth com relação á nomeação da comissão auxiliadora, o sr. Thomaz Coelho, disse que realmente essa declaração do sr. Guilhermino devia constar da acta. O sr. dr. Anachoreta explicou, que propositadamente não tinha feito declaração na acta da sessão anterior para que se não desse o disparate de o sr. Guilhermino protestar na acta de uma sessão contra o que o mesmo senhor tinha approvado na sessão anterior, mas que visto assim o desejo ficaria exarado na acta da presente sessão que o sr. Dias Guilhermino acompanhava o protesto do sr. D Korth feito na sessão de 26 de janeiro passado.

Foi lido um officio da Associação dos Atiradores Civis Estrella, convidando a visitar a sua nova sede; a direcção tomou conhecimento e deliberou officiar agradecendo.

Foram apresentados socios os srs:

Emgídio Duarte d'Almeida, José Bernardes da Costa, Fernando Augusto Xavier Bastos, Silvestre da Silva, Eugenio d'Almeida d'Avila, Francisco Serra e Moura, dr. Julio Gualberto da Costa Neves, Manoel Antonio Rissote Correa, Henrique do Carmo Gonçalves, Francisco Ramos, José Evaristo da Silva, José d'Alcantara Ferreira das Neves, Manoel da Costa Duarte, Francisco da Silva Marques Porto, Augusto Moniz, Luiz Perestrello de Vasconcellos, Lopo Souza e Vasconcellos, e Augusto Pinheiro da Silva.

Encerrada a sessão ás 10 horas da noite.

CARREIRA DE TIRO

Domingo 7 do corrente

ALVOS

N.º 1 a 100^m, normal; n.ºs 2 e 3 a 300^m, circular; n.º 4 a 300^m, normal; n.ºs 5 e 6 a 400^m, normal; n.º 7 a 200^m, figura de joelhos; n.º 8 a 200^m, normal.

Arma Kropatcheck 8^{mm} m 1886.

Tiros disparados 810, resultado:

	Disp.	Acc t.
Alvo a 100 ^m , normal.	40	22
» » 200 ^m , normal.	40	31
» » 200 ^m , fig. de joelhos.	150	54
» » 300 ^m , circular.	170	76
» » 300 ^m , normal.	240	141
» » 400 ^m , normal.	170	93
Total... 810		417

Os srs. M. Hermann fez 60 tiros em diferentes alvos, empregando 41 balas; Gil Portocarrero fez 60 tiros, empregando 32 balas; Antonio Severo Pereira da Costa, 40 tiros, empregou 24 balas; João Ivens Ferraz, 40 tiros, empregou 20 balas; João Consiglieri Pedroso, 10 tiros, empregou 5 balas, alvo a 400^m; Agostinho Manuel de Souza, 15 tiros, empregou 11 balas, alvos diversos; Thomaz Coelho, 50 tiros, empregou 23 balas, alvos diversos; Manoel Rodrigues Formozinho, 40 tiros, empregou 17 balas, alvos diversos; Ligorio S. da Silva, 30 tiros, empregou 19 balas, alvos diversos; R. Roggenmozer, 20 tiros, empregou 16 balas, alvos diversos; E. Kesslinger, 30 tiros, empregou 15 balas, alvos diversos; A. Leuzinger, 30 tiros, empregou 29 balas, alvos diversos; E. Noronha, 30 tiros, empregou 0 balas, idem; Gonçalo H. Ferreira, 30 tiros, empregou 20 balas, idem; Theodozio Baganha, 40 tiros, empregou 18 balas, idem; Antonio G. Santiago, 40 tiros, empregou 20 balas, idem; Manoel J. Magalhães, 10 tiros, empregou 3 balas, alvo a 300^m, circular; Gil Dias, 10 tiros, empregou 2 balas, alvo a 300^m, normal; Guilherme Silva, 10 tiros, empregou 6 balas, alvo a 200^m, figura; J. Fernandes Freitas, 20 tiros, empregou 18 balas, alvo a 200^m, normal; José Sequeira, 30 tiros, empregou 5 balas, alvo a 300^m, circular; Gustavo J. Jesus, 30 tiros, empregou 10 balas, alvos diversos; Adelino A. Corrêa, 10 tiros, empregou 5 balas, alvo a 300^m, normal; Antonio J. Baptista Duarte, 10 tiros, empregou 5 balas, idem.

Matrícularam-se de novo na carreira os srs. Antonio Pinto Tameirão, de 40 annos, natural de Sinfães, capitalista e Miguel Fernandes, de 20 annos, natural de Braga, proprietario.

O nosso amigo sr. João Ivens Ferraz, um distincto atirador da nossa carreira, já está de regresso da sua viagem á Africa; damos-lhe os nossos parabens.

ÇAÇA

XENEPHONTE foi o primeiro homem que escreveu um tratado de caça; mais tarde no tempo de Alexandre o Grande, o celebre historiador Amion de Nicomede compoz tambem uma obra sobre a caça.

Oppien d'Anazarbe é conhecido na litteratura principalmente pelo seu bello poema sobre a caça e sobre a pesca.

Dos escriptores contemporaneos é Buffon o que maiores serviços prestou á humanidade e defendeu sempre o livre direito de caçar porque dizia elle: é a conse-

quencia legitima da superioridade do espirito sobre a materia.

Havia na antiguidade um extraordinario esplendor nas caçadas principescas e algumas deixaram na historia vestigios inolvidaveis.

Entre as caçadas celebres podemos lembrar aquellas que houve em Inglaterra para o completo exterminio dos lobos, as dos sultanatos da Asia e da Africa para a destruição dos tigres e leões, as da França contra as luzenas, as da Australia aos coelhos.

H. O.

TIRO INTERNACIONAL EM LYON

A organização do grande concurso internacional de tiro que deve realisar-se em Lyon, de 22 a 31 de maio proximo, continua muito bem e os trabalhos proseguem com muitas approvações importantes.

Foram pedidas subvenções ao Estado, á cidade e ao departamento e vão distribuir-se as listas das subscrições pela população lyonesa, sempre prompta a auxiliar tudo quanto seja patriótico e diga respeito á educação nacional.

O programma do concurso terá um minimo de cincoenta mil francos de premios.

A carreira da Sociedade de tiro organisadora vaé passar por importantes modificações sob o ponto de vista da installação dos alvos. A 200 metros os alvos serão dúplos porque a esta distancia é que se fará a grande cathégoria Lebel illimitada.

As armas livres serão para 300 metros, concorrendo com a Lebel cuja precisão nada tem que recear d'esta concorrência; a esta distancia, e pela primeira vez em França, se fará o tiro de velocidade aos cem primeiros cartões que reunirá no dia da abertura, a elite dos atiradores francezes e estrangeiros.

A medalha do concurso foi confiada a Patey, primeiro premio de Roma que gravou a bella medalha da exposição de Lyon em 1894; serão ainda distribuidos outros premios, entre elles um relógio de prata fabricado especialmente para o concurso, um vestido de seda especial, tres talheres de prata com estojo.

As principaes companhias de caminhos de ferro concederam já, como em 1891 e 1894, meio preço para os atiradores. O concurso de tiro de Lyon será este anno o nosso concurso de tiro importante e fazem-se todos os esforços para que seja a todos os respeitos notavel. Será uma festa sem precedentes.

O CÃO DOENTE

(Continuação)

Esgana, rosca, ou mal dos cães novos

Não ha caçador algum que não conheça esta molestia que, de certo lhe tem morto muitos cães.

Alguns caçadores fazem distincção sobre *esgana, rosca e mal dos cães*.

Devo dizer com franqueza que as não sei distinguir.

Os symptoms da esgana são tão variados, apresenta-se ella sob tantas formas, que eu dou-lhe indistinctamente o nome de esgana, rosca ou mal dos cães, e muito desejaria que algum me explicasse bem a differença das taes doenças que eu con-

sidero uma só, e tenho por isso uma boa autoridade a quem me encostar.

Mr. Eugène Gayot no seu livro *Le Chien* diz o seguinte ácerca da *maladie du jeune chien*.—Uma no seu principio, ella varia infinitamente e apresenta-se sob a forma particular d'uma inflamação que ataca n'este, n'aquelle ou n'aquellé outro um apparelho organico differente, os olhos, os bronchios, os pulmões, os órgãos digestivos no todo ou em parte, o systema nervoso, as mucosas, e, ella nada esquece, dada isenta, nada exceptua; em cada local apresenta, por assim dizer, um aspecto novo, mas, no fundo é sempre a mesma doença dos cães novos.

Em vista da tal autoridade parece-me que me não engano dizendo que rosca esgana e mal dos cães, é a mesma molestia seja qual fór a forma porque se apresenta.

Não seria preciso descrever esta doença porque não ha caçador algum que a não conheça. Em todo o caso direi como alguns a tem descripto.

O sr. Macedo Pinto fez distincção entre esgana e mal dos cães.

Da esgana diz: Esta molestia manifesta-se por tristeza, fastio, febre e tosse secca convulsiva, que vem por accessos e termina com vomito. Com o progresso da molestia, o cão perde as carnes e torna-se convulso, a ponto de que algumas vezes sobrem a chorea.

A maior parte dos animaes morrem; e dos que escapam, ficam alguns cegos, d'um ou d'ambos os olhos, ou paralyticos d'alguns dos membros.»

Do *mal dos cães* diz: O cão doente d'esta molestia perde os sentidos, cae por terra ou bate com a cabeça pelas paredes e em tudo o que encontra, tem a vista espavorida e deita pelas ventas serosidade espumosa. Os olhos inflamam-se, e deitam pelos cantos humor remeloso, incha a garganta e sobrem convulsões, algumas vezes paralyxia e a morte.

Esta molestia parece consistir na inflamação da mucosa das cavidades nasaes e scios frontaes, e até mesmo das membranas que revestem o cerebro.»

Mr. Prudhomme, um mestre da sciencia, descreve, segundo diz mr. M. J. La Vallée, a doença pela seguinte forma: Os symptoms d'esta affecção são a tristeza, inercia e uma diminuição notavel de appetite. Dentro em pouco a fraqueza é extrema e o animal deixa de ouvir; tem a cabeça pesada, esgana-se, tosse frequentes vezes e a sêde é devoradora; deita pelas ventas um liquido verde-amarello que lh'as tapa; tem os olhos remelosos, accelera-se a respiração e estabelece-se ligeira diarrhea.

Se não tem melhoras, augmenta o enfraquecimento e em pouco tempo o cão não se sustenta nas pernas; encovam-se-lhe os olhos, que se tornam mortiços e chegam a ulcerar-se; sahe-lhe em fio das goelas baba espumosa, e a diarrhea torna-se muito forte; sobrem-lhe finalmente convulsões e morre.

Se, pelo contrario, a doença tende a terminar favoravelmente, vê-se diminuir successivamente a intensidade dos symptoms discriptos—volta o appetite e com elle o vigor e alegria do animal.

(Continua).

NEMROD.

Editor responsavel—Mannel Augusto Pinto

A LIBERAL—Officina typographica
Rua de S. Paulo 216,